



**Francisca
Fernandes costura
desde adolescente
e trabalha com isso
há 40 anos**

Especial

A resistência das costureiras

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

**Ofício que marcou gerações,
a costura de bairro resiste nas
mãos de mulheres que desafiam
o esquecimento e ensinam o
valor do trabalho manual**

POR GIOVANNA KUNZ, E GIOVANNA RODRIGUES*

Por décadas, bastava uma caminhada pelo bairro para encontrar uma costureira. Elas sabiam de cor o caimento de cada tecido, o tamanho exato do zíper que faltava e, com agulha e linha, salvavam roupas e histórias. Hoje, porém, as portas desses ateliês caseiros estão se fechando. O Brasil ainda tem cerca de 9,3 milhões de profissionais da costura, considerando empregos diretos e indiretos, mas o perfil da categoria mudou: o “feito sob medida” virou raridade, e quem domina o ofício envelhece com poucas sucessoras.

No ateliê de Francisca Fernandes, 76 anos, o som ritmado da máquina de costura ainda ecoa como trilha de uma vida inteira dedicada às linhas, aos tecidos e aos moldes. Entre tecidos coloridos, carretéis de linha e moldes espalhados pela mesa, ela se recorda de quando tudo começou, ainda adolescente, no interior, quando costurar era um sonho distante e caro. “Eu era adolescente, trabalhava na roça, no interior do Ceará, para ajudar meus pais e não tinha dinheiro para pagar o curso de costura. Meu pai me deu um leitãozinho, um bacurizinho que a mãe rejeitou, e eu o criei dando uma mamadeira. Quando cresceu, botei no chiqueiro para

engordar e vendi. Com esse dinheiro, eu paguei meu curso de costura e, assim, comecei”, conta.

Francisca hoje tem 40 anos de profissão. Aprendeu o ofício por necessidade, mas fez dele uma forma de independência. No início, costurava apenas para si, incomodada com as roupas remendadas que usava na roça. “A gente era uma família pobre, morava em fazenda e não tinha muitas coisas. As roupinhas eram rasgadas, minha mãe botava pedaço de outras cores e eu achava aquilo horrível, então, fui aprender a costurar para fazer esses reparos.”

Com o passar dos anos, Francisca montou seu próprio ateliê, já na cidade grande. Começou com pouco, mas conquistou uma clientela fiel. Mesmo com a alta procura, percebe as transformações das demandas e